



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12534 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS SECUNDARISTAS DE 2016

Joao Carlos Nascimento da Silva - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Cibele Maria Lima Rodrigues - Fundação Joaquim Nabuco

UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS SECUNDARISTAS DE 2016

INTRODUÇÃO

O ano de 2016 foi marcado por mudanças políticas iniciadas pelo golpe da presidente Dilma. Michel Temer, ao assumir o governo, realizou diversas mudanças que se caracterizam pelo aprofundamento do neoliberalismo, sendo uma das suas primeiras iniciativas a Medida Provisória 746/2016 ou “Reforma do Ensino Médio”, também chamada por Freitas de Reforma Empresarial (2018). Foi também um momento ímpar de mobilização estudantil em escolas e universidades públicas, mostrando a indignação com uma medida que aprofunda as contradições geradas pelo capitalismo. Nesse sentido, as ocupações estudantis secundaristas se tornaram foco de pesquisa de um conjunto de teses e dissertações às quais nos propomos a analisar no âmbito do presente trabalho. Segundo Arroyo (2003), já nas décadas de 1970 várias pesquisas, dissertações e teses mostraram a influência dos movimentos sociais na conformação da consciência popular do direito à educação básica, à escola pública.

O movimento estudantil secundarista teve uma atuação em 2013 nas lutas contra o aumento dos valores das passagens de ônibus e pela garantia do passe livre estudantil (movimento Passe Livre). A atuação mais voltada às políticas não aparecia como questão de mobilização pública. As mobilizações do Passe Livre e das ocupações não parecem ter a centralidade dos atores mais institucionais, tais como a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). Aparentemente, foram estudantes “independentes” o que também fez com que esses movimentos tenham sido efêmeros, sem maiores desdobramentos institucionais, podem ser caracterizados pelo que Alberto Melucci chamou de Nômades do Presente (1989). Em suas lutas desafiaram códigos culturais e políticos e anunciam “novos valores” que, muitas vezes, não são visíveis, em termos institucionais, mas poderão provocar mudanças substantivas em termos culturais.

Dito de outra forma, Lage (2013) acredita que as lutas sociais são um espaço de aprendizagem sendo este acadêmico-político diferenciado que rompe com a “subalternização” imposta nas relações de poder. Essa perspectiva segue o que foi apontado por Arroyo (2003) que trata sobre os movimentos sociais e seu caráter pedagógico,

Os movimentos sociais têm sido educativos não tanto através da propagação de discursos e lições conscientizadoras, mas pelas formas como tem agregado e mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, pela terra ou pela inserção na cidade. Revelam à teoria e ao fazer pedagógicos a centralidade que tem as lutas pela humanização das condições de vida nos processos de formação. Nos lembram quão determinantes são, no constituir-nos seres humanos, as condições de sobrevivência. A luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana. (ARROYO, 2003, p. 32)

Seguindo essa perspectiva, o foco da revisão de uma parte da literatura foi a percepção da relação entre os processos educativos e as ocupações secundaristas de 2016.

METODOLOGIA

Ao realizarmos um levantamento geral no Banco Digital de Teses e Dissertações foram encontradas 24 (vinte e quatro) dissertações e 06 (seis) teses sobre ocupações de uma forma geral. Afunilando a pesquisa, encontramos 05 (cinco) dissertações e uma tese na área de educação e, destas, foram analisadas 03 dissertações que buscavam analisar especificamente a participação dos jovens no processo de ocupação em 2016.

Tabela 1

TEMA	AUTORES	UNIVERSIDADES / PROGRAMA	ANO DE DEFESA
MOVIMENTO DAS OCUPAÇÕES ESCOLARES: “O FAZER POLÍTICO DOS JOVENS SECUNDARISTAS” NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO- PR	FRANCIELE MARIA DAVID	UNIOESTE / PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO (DISSERTAÇÃO)	2019
“LUTE COMO UMA MENINA”: GÊNERO E PROCESSOS DE FORMAÇÃO NA EXPERIÊNCIA DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS	ISABELLA BATISTA SILVEIRA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS. PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. (DISSERTAÇÃO)	2019
#OCUPAESCOLA: JUVENTUDE E MOBILIZAÇÃO NO RIO DE JANEIRO	PATRÍCIA AUGUSTO CORRÊA	UERJ / PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO. (DISSERTAÇÃO)	2017

Fonte: BDTD (elaboração própria).

UMA ANÁLISE PARCIAL

A dissertação de Franciele David (2019) investiga o Movimento das Ocupações

Escolares enquanto “O fazer político dos jovens secundaristas” no município de Francisco Beltrão, localizada no Paraná. O trabalho teve por objetivo geral analisar os processos ocorridos durante a ocupação das escolas estaduais, especificamente, à medida que a participação dos jovens secundaristas neste movimento contribuiu para a sua formação política.

A pesquisa utilizou a categoria da Experiência, do historiador E.P Thompson, buscando averiguar a potencialidade formativa das ocupações, durante o processo de construção. Observamos que das dezessete escolas estaduais situadas no município um total de onze foram ocupadas. Uma das características marcantes foi o processo autoformativo dos ocupantes que possibilitou agregar as dimensões política, coletiva, pedagógica e sociocultural apontadas por Martins (2009a) em todo processo de ocupação. As experiências formativas vivenciadas pelos secundaristas nas ocupações, reverberaram na constituição do ser social, “e essa experiência é determinante, no sentido que exerce pressões sobre a consciência social existente”. (THOMPSON, 1981, p. 16).

Na Argentina, em 2012, jovens secundaristas ocupariam prédios escolares, reivindicando melhorias nas condições físicas dos prédios escolares e nos prédios universitários. Nos anos anteriores, o mundo presenciou importantes manifestações, marchas e ocupações. Segundo GOHN (2014) Os atos públicos chegaram a derrubar ditaduras em 2011, na primavera árabe, além de desestabilizar governos europeus devido a crise econômica e a onda de desemprego que ocorreu na Espanha com o movimento dos indignados. Esse movimento questionou o modelo econômico- financeiro vigente e o Movimento Occupy Wall Street, iniciado em Nova York e que se espalhou pelo mundo.

A dissertação de Isabella Silveira (2019) tem como objetivo geral investigar as relações de gênero no contexto das ocupações, amparada nas categorias e conceitos do feminismo interseccional e classista. As referências são Patrícia Hill Collins (2016), Angela Davis (2011) e Bell Hooks (2016), buscando analisar questões de gênero e racismo presentes em nossas vidas (interseccionalidade). A pesquisa também foi apoiada nos conceitos de classe e experiência de Thompson, e, desta forma, buscou investigar como aconteceram os processos de formação no interior das ocupações. E ainda incorporou Hall (2011) e a identidade cultural na pós-modernidade, sabendo que deve haver um contingente de lutas seja eles: classe, gênero, estudantes entre outros.

A autora buscou compreender o impacto do movimento nos sujeitos participantes, em termos das relações interpessoais e nas possibilidades de ressignificar e apresentar às e aos estudantes novas formas de construção de afeto e vínculo. Ressalta a existência de um “novo”

feminismo em ascensão no Brasil desde as jornadas de 2013, que se manifestou entre as secundaristas no ano de 2015 com as primeiras ocupações, e que fez do protagonismo feminino nas ocupações um marco.

Foram observados elementos considerados da metodologia da educação popular como debates, formações políticas, uso de seus próprios meios de divulgação e uso de recursos didáticos e pedagógicos acessíveis (documentários, músicas e outras expressões artísticas) que foram usados como alternativa à educação tradicional (bancária onde os estudantes são meros recebedores de informações) e não precisa usar o pensamento crítico e consciência política (FREIRE, 1987).

A terceira dissertação, de autoria de Patrícia Correa (2017), tinha como objetivo geral: observar a rotina das ocupações e suas formas de organização. A metodologia utilizada foi a biográfica de jovens (liderança ou não, mas que participavam ativamente do movimento de ocupação). A pesquisa foi estruturada a partir dos saberes dos/das estudantes. Ela também faz a relação dos movimentos de Ocupações que ocorreram nos EUA, no Chile (Revolução dos Pinguins) e São Paulo, como exemplos exitosos do processo de ocupação. cita o livro de Castells que trata das “ocupações” que ocorreram no mundo.

Nas suas conclusões, considerou que os estudantes tiveram êxitos ao criar uma rede de articulação dos jovens ocupantes das escolas públicas onde trocavam informações e discutiam políticas educacionais. Essa rede construiu propostas para eleições de gestores escolares, assim como organizaram as eleições dos grêmios estudantis com grande influência na demissão do secretário estadual de educação do Rio de Janeiro. Por outro lado, emergiu um grupo antagônico o chamado #desocupa que também esteve presente e lutando pelo retorno às aulas. Ela cita o livro de Castells sobre os movimentos de ocupações que ocorreram nos anos 2000.

De uma forma geral, as dissertações buscam analisar como foi a participação dos jovens no processo de ocupação, suas vivências e sua organização nas diversas atividades pedagógicas e culturais promovidas nos espaços ocupados. As duas primeiras pesquisas dão enfoque ao protagonismo juvenil e utilizam a categoria de experiência do historiador Thompson.

As três dissertações tiveram resultados parecidos e complementares que podem ser elencados como destaque: o caráter formativo do processo de ocupação. Porém, na obra de Franciele David (2019) relata com certa importância o processo de “tomada” de consciência

de quem sou para atuar na escola, no bairro, na cidade, no estado e no país. Ainda sobre os resultados verificamos o ressurgimento do Movimento estudantil nas escolas. Vale ressaltar ainda, a organização horizontal, por meio de assembleias - nas quais todas, todes e todos têm direito a voz e participação. Também houve destaque para a rede de articulações entre as escolas ocupadas. E, claro, o motivo central foi a luta pela escola pública, gratuita e de qualidade, questionando a Medida Provisória 746/2016, que propôs a Reforma do Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o conceito de movimentos sociais como ações coletivas de caráter sócio político e cultural que viabilizam formas distintas da população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, 2008), podemos afirmar que se encontram bem representadas nas dissertações aqui analisadas.

É importante destacar a ocupação como um processo formativo / educativo para os jovens durante todo processo de ocupação. O caráter formativo destacado por Arroyo (2003) também aparece como elemento da experiência de participação, no sentido usado por Thompson. Portanto, podemos afirmar que a ocupação é mais que ocupar um espaço físico, é uma disputa por uma estrutura escolar e pedagógica.

Para Isabella Silveira (2019) o processo mais importante de toda essa experiência com o feminismo está, certamente, no que Bell Hooks (2016) intelectual e feminista negra, diz sobre expressarmos amor por meio da união, do sentimento e da ação. Segundo Hooks, “o amor que liberta nasce de uma mulher” (2016).

O processo de ocupação não foi uma colônia de férias, mas sim um espaço de luta, de construção coletiva, de articulação e organização da juventude que sonhava por uma escola mais democrática e participativa. Podemos afirmar que a construção da cidadania ocorreu a partir da ação educativa dos jovens na sociedade. Para Arroyo (2003) é promissor ver tantas redes, escolas e coletivos traduzindo em práticas pedagógicas essa repolitização da cidadania e da educação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Pedagogias em Movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

CORREA, Patricia Augusto - **#ocupaescola: Juventude e Mobilização no Rio de Janeiro** 2017. 93f.Orientador: Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira. Dissertação do mestrado – Faculdade de Educação da baixada fluminense. Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

DAVID, Franciele Maria – **Movimento das ocupações escolares: “ O fazer político dos Jovens secundaristas” no Município de Francisco Beltrão – PR / FRANCIELE MARIA DAVID**; Orientadora: Suely Aparecida Martins, 2019. 153f. campus de Francisco Beltrão, Centro de Ciências Humanas, Programa de pós Graduação em Educação, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**.17ª Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GOHN, Maria da Gloria. **Sociologia dos movimentos sociais/ Maria da Gloria Gohn**. 2. ed. São Paulo: Cortez,2014-(questões da nossa época; v.47)

GOHN, M. G. M. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

GOHN, M. G. M. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola,1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKS, B. O amor que liberta nasce de uma mulher. Geledés. Instituto da mulher negra. 23 set. 2016. São Paulo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-amor-que-liberta-nasce-de-uma-mulher/>Acesso em: mar. 2019.

KILOMBA, Grada. A Máscara. Tradução Jessica Oliveira de Jesus. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 171-180.

LAGE, Allene. Orientações epistemológicas para pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais. In: LAGE, Allene. **Educação e Movimentos sociais**: caminhos para uma pedagogia da luta. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

MELUCCI, Alberto. **Nomads of the present**: social movements and individual needs in contemporary society. Great Britain: Anchor Press, 1989.

SILVEIRA, Isabella Batista – “**Lute como uma menina**”- **gênero e processo de formação na experiência das ocupações secundaristas**. Alfenas/ MG 2019.Dissertação de mestrado em Educação – Universidade Federal de Alfenas – 2019.